



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

S E M A N A R I O R E G I O N A L I S T A

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

CONGRESSO QUE REZA

DAS sete partidas do mundo aportam à cidade santa do Catolicismo os representantes dos fiéis. O Chefe Supremo os chamou para, de acordo com todos, harmonizar o código da vida católica com a natural evolução dos costumes. É um Congresso de Fé, onde se reza e donde se espera. E a esperança é o capital entregue a Deus, que renderá à taxa da confiança.

O Presidente deste Congresso da Fé, um Velhinho que veste com suprema distinção aquela túnica branca que o mundo, por escárnio, ofereceu ao Mestre, será o Arbitro de todas as questões que cumprir resolver. O seu vivo olhar penetrante de saaz diplomata entre as gentes, o bondoso sorriso de apóstolo e sobretudo a autoridade que lhe vem de cumprir integralmente o que aconselha e ensina, são para nós todos a insígnia da confiança e do respeito.

O mundo católico não poderá comportar-se com a inteireza de caracter e santidade de vida, se da Igreja docente lhe não vier incitamento e exemplo. «Se o sal perder as propriedades que tem, com que se há-de salgar?»

Além das questões apresentadas, o Santo Padre decerto apreciará também o sabor variado de que o seu belo latim romano se sortiu em cada região do Globo. Isso teria, entretanto, um interesse muito secundário, se o sotaque da nossa linguagem não acusasse, só por si, alguma coisa do nosso modo de ser.

Continua na 2.ª página

Coronel Vasco Martins

Pela Presidência da República, Chancelaria das Ordens Portuguesas, foi agraciado com o grau de grande-oficial da Ordem Militar de Aviz, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Coronel Vasco Serapião, das Neves Martins, a quem, por tal motivo, endereçamos as nossas cordiais saudações.

ARTESANATO

(Continuação)

A plantação da cana, ao longo dos pequenos cursos de água, oferece vantagens que não se afiguram para desperdiçar. A primeira e maior delas todas é a de embargar as cheias com mais eficiência que os paredões dispendiosos de construir e que às duas por três, se a força da água é considerável, ficam demolidos.

Sob o ponto de vista pitoresco (turístico, como agora se diz) as canas dão frescura e sombra às ribeiras, acolhem as aves úteis e retêm objectos à deriva.

O colmo, ou cana, propriamente dita, serve para suporte das telhas, nos telhados das moradias (rurais ou urbanas), paredes, apartados, resguardos, varejões, etc.

Com ela se tecem também cestos, canastras e, não há muito tempo ainda, se encontrava nos mercados cadeiras e suportes para vários usos.

Continua na 3.ª página

Tavira Monumental



O lindo pórtico da Igreja da Misericórdia, (monumento nacional) estilo renascença, que presentemente está a ser restaurado

Apontamento Folclórico

Uma boda no Monte-de-Trás

LOGO a seguir à feira de S. Francisco, os pais do Domingos, Tia Jacinta e Ti Pedro, deram ordens à matação. Depois de se acabar o estrafeço, caiu-se o Monte, fizeram-se três ou quatro amassaduras, os fritos, o bolo podre, as bilharozes, desempachou-se o soalheiro da rama seca, tiraram-se as palanganas do friso e arearam-se os caldeirões e as panelas.

No monte da Isabelinha procedia-se a função idêntica. Apareciam comadres e primas com cestinhos de ovos, taleigas de azeitonas, enfusinhas de mel, risonhas, modestas, cumprimtando com beijinhos aos pares de falinhas de pifaro: — Com que a nossa Zabelinha... — Faz como a gente fazemos! — desculpava a mãe.

Sábado, ao dealbar da manhã, lá abalou, caminho da aldeia a vistosa comitiva cavalgando os pacientes e enfeitados burrinhos, com a retransca guarnecida de bolas encarnadas, a manta da albardadura de vivos coloridos e molhinhos de mangericos na cabeça.

Continua na 2.ª Página

Eng. Jaime Patrício Brito Neto

Com elevada classificação concluiu o Curso de Engenharia Civil, no Instituto Superior Técnico, este nosso conterrâneo, filho do sr. professor do ensino primário aposentado, Jaime da Silva Brito Neto e da sr.ª D. Maris Quintina dos Santos Neto.

Ao novel engenheiro Civil e a seus pais endereçamos, por tal motivo, as nossas felicitações.

Festas da Misericórdia de 1962

Sob a presidência do sr. presidente da Câmara Municipal e com a assistência da Mesa da Misericórdia e de vários elementos da Comissão das Festas, realizou-se no dia 17 do corrente uma reunião para apreciação das contas e resultados obtidos nas festas do corrente ano e que foram os seguintes:

Receita . . .	180.090\$30
Despesa . . .	144.265\$40
Saldoq. . .	35.824\$90

As referidas contas encontram-se patentes para todos que as quiserem consultar na Secretaria da Misericórdia até ao fim do corrente mês.

A Comissão Coordenadora entregou à Mesa da Misericórdia o saldo apurado, para auxílio do seu Hospital Tavira, 18 de Outubro de 1962
A Comissão

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Vencedores e Vencidos

AS últimas chuvadas refrescaram as terras onde Maio, abochornado, convidava a futilar as cigarras mais temporãs, naquele ano da Graça dos princípios do século. Em vez de estacada de ferros de lanças, todo o recinto se apresentava paramentado de flores e panos de seda, doirados e armoriados em preciosos recamos.

Diante do parque, o muro, alto e tostado de mil e mil sóis, tinha sido forrado de colgaduras. Ao meio, uma tribuna de vários degraus e, sobre ela, ainda, um estrado com sumptuoso cadeirão encimado de baldaquino azul e prata, culminava o champ de draps d'or.

Os assentos da tribuna foram a pouco e pouco preenchidos por altos dignitários. Em baixo, o recinto foi-se, também pouco a pouco, guarnecendo.

Continua na 3.ª página

A Homenagem

ao Prof. Pavia de Magalhães

Terminada a época de férias parece-nos oportuno reunir a Comissão para troca de impressões quanto à marcação da data para a homenagem ao Professor Eduardo Pavia de Magalhães.

Em Abril do corrente ano noticiou o nosso jornal os elementos que constituíam a referida comissão.

Por motivos estranhos não foi possível realizar-se a manifestação na data que se pretendia, aguardando-se para isso melhor oportunidade. Chegou, pois, o momento de se saldar essa dívida de gratidão a um saudoso e ilustre tavirense que tanto se elevou pela sua arte.

A Comissão, que é presidida pelo sr. Dr. Jorge Correia, presidente da Câmara de Tavira e deputado pelo Algarve, é constituída pelos srs. Dr. Morais Sinão, professor José Joaquim Gonçalves, presidente da Comissão de Arte e Arqueologia, Laurentino Baptista, representante do Município, Capitão António Mil Homens Correia, representante do Teatro António Pinheiro, João Faustino Nunes Gonçalves, representante da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, Sebastião Leiria, representante da Banda de Tavira, e o nosso Director, deverá reunir-se no próximo dia 24 do corrente, pelas 18 horas, na Biblioteca Municipal.

Notas de Viagem

DIZIA-SE que os deuses da antiga Hélada habitavam nos montes sagrados do Olimpo, ao norte de Atenas, conhecidos pela sua beleza e aureolados pelas lendas dos poetas. Porém, se essa pleiade mitológica de divindades, a que se referiu também Camões em seu poema, usassem então veranejar de «shorts» e de «biquini», em lugar edénico, autentico solar de deuses, julgo que o fariam num certo sítio, debaixo do Cruzeiro Sul. Essa terra, é o Rio de Janeiro, muito falado e visto, porém sempre insuficientemente cantado, porquanto difícil se torna à imaginação moderna, abranjer e sintetizar obras divinas.

por M. Rio

Rio de Janeiro, como o vi ao entrar da barra em manhã de Abril, como o senti meses a fio, surge-me como um reflexo, como brilho, como obra de uma força maior que passou por este mundo, deixando aos mortais a marca do seu génio. É sim um dos raros «monumentos» da Natureza que abrilhantam o mundo e imundam o espirito duma be-

Continua na 2.ª Página



Câmara informa!

Praia de Tavira

Deu entrada nesta Câmara Municipal, já devidamente aprovado, o estudo definitivo do «Arranjo Urbanístico da Praia de Tavira».

Escola Técnica de Tavira

Está seguindo as devidas demarches o pedido de criação do curso nocturno da Escola Técnica de Tavira, para o presente ano lectivo.

Casa do Povo de Luz de Tavira

Pela Junta da Acção Social acaba de ser concedido à Casa do Povo de Luz de Tavira, um projecto cinematográfico para a realização de sessões de cinema, as quais serão gratuitas e se destinam aos sócios da referida instituição, com início no próximo dia 20 do corrente. Assim vai o Estado Corporativo demonstrando aos incrédulos o interesse que lhes merecem as Casas do Povo, concedendo estes benefícios.

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto hoje, dia 21, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

- Bem Amado - P. D. Chiodria
- Estrela da Beira - Sinfonia R. Couto
- Serenade Niçoise Vollpati
- Meiralle - Opera Gounod

II PARTE

- Sonho de Valsa - Opera O. Strauss
- La Revarte - P. D. Encarnação

TAVIRA PANORÂMICA



Uma linda vista da cidade tirada do Miradouro de Sant'Ana

Notas de Viagem

Continuação da 1.ª Página

leza sem estilo nem nome, que deslumbra e esmaga e domina a fantasia mais subtil.

Terra de feitiços, dos quais talvez o maior seja o de transformar os homens fazendo-os muitas vezes olvidar o que para trás ficou, como Ulisses, seduzido pelo canto das sereias esquecera um reino e a amante que entretanto curtia saudades detrás dos muros de Troia.

Riol, pérola dos trópicos, única e inconfundível no traço exótico e raro que lhe deu seu formidável Arquitecto; desafio à imaginação dos génios, palácio da natureza, onde qualquer pode conceber-se emir do oriente, perdido entre a magnificência de suas paisagens e o magnetismo de suas mulheres. Rio de Janeiro, eu o simbolizo no único símbolo que bem se lhe ajusta — a Mulher! — nua, que bronzeia a pele nas areias de Copacabana e elanguesce o ar de voluptas; devota, que reza no melhor dos estilos no cume verdejante do Corcovado; impudica, atirando às alturas, sobranceiro ao mar, o seio tumido do Pão de Açúcar; vaidosa, que se contempla na mansidão da Lagoa ou no bulício das águas da Guanabara; sensual, que se despe nas curvas graciosas e harmoniosas de seus montes escarpados; ninfa disfarçada na arquitectura de sua construção granítica, na luxúria de sua flora e no perfume e padrão do seu clima, ela deslumbra, seduz, elanguesce, cria o desejo e finalmente a ventura do Nirvana. Alteiam-se-lhe as formas sobre o dorso do Oceano, que as acaricia embevecidamente com os rolos espumantes de suas ondas; requebra-se-lhe o quadril na praia de Botafogo e pelo ambiente tépido de seus cumes, trepam árvores e arbustos que se entrelaçam, que se misturam, criando mistério e amor em suas sombras. Nas vertentes, gota a gota das penedias saltam das flores aromas inebriantes, perfume de suas carnes, do mistério oculto de suas formas que a flora esconde.

É o próprio mar, todo embevecido, quebra seu ímpeto, amansa, finge ser um rio tranquilo, introduz-se pela terra dentro e na ânsia incontida de possuir essa terra dádiosa e feminina, desenha baías, rasga a terra, cria golfos e enseadas, isola ilhas verdejantes arremete contra a montanha e alicia as areias das praias de sol. Mas o Rio de Janeiro, essa «mulher» sempre lânguida, não arreda pé deixando que o sol lhe dê manhãs de arcos-íris e poentes em que as sombras policromas fazem bailados sobre os montes, formando por último um véu escuro e vaporoso que lentamente desce sobre o seu corpo já quase adormecido.

Envolta no seu seio, presa fácil de seu beijo, está então a Cidade, a pequena planície encravada entre o mar, a floresta e os morros, com os suas largas ruas e avenidas, que à noite atiram o reflexo das lu-



Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana — Hoje apresenta, para maiores de 17 anos, *O Diário de Anne Frank*, com Millie Perkins, em cinemascope. — Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 17 anos, *Um Certo Sorriso*, com Rossano Brazzi, e Joan Fontaine, em cinemascope e technicolor. Em complemento, *A Justiça de Jesse James*, com Robert Wagner e Jeffrey Hunter, em cinemascope technicolor.

— Sabado, em espectáculo para maiores de 17 anos, *A Imperatriz Guerreira*, com Kerwin Mathews, e Tina Louise, em cinemascope technicolor.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Sousa.

zes nas águas do Oceano azul. Pode bem dizer-se que ali o homem procurou não desdizer da obra do Criador, abrilhantando assim a maravilha da natureza.

E então difícil se torna distinguir entre natureza e obra humana e os que as habitam. Rio de Janeiro, no seu todo, é essencialmente cidade e paisagem femininas. Não porém donzela, inspiração de poetas platónicos, antes mulher boa, artista, envolvente, experimentada no culto de Venus, cuja constante fundamental de sua vida, não é o trabalho nem o desporto nem a ciência, mas o Amor, um amor absorvente e exclusivo, cuja perda se resolve muitas vezes apenas com a morte. E o seu maior paradoxo é precisamente não obstante sua beleza incomparável, não servir de inspiração a poetas ou artistas. Sua beleza, prende os movimentos da alma, algema os sentidos e de tal modo abrilhanta e engrandece tudo em redor, que o homem queda mudo e impotente a seus pés, não sabendo outra coisa que dizer senão uma palavra: Maravilha!

Não apetece descrevê-la, pois é já de si um desafio à imaginação e aos próprios delírios da maconha e da cocaína. Apetece, isso sim, descansar em seus braços, gozar seus encantos, esquecer ideias e ambições, vivendo apenas da voluptua que nos ensinam suas florestas e jardins. Por isso eu dizia que se os deuses ainda existissem, iriam veranear nesse Eden do Cruzeiro do Sul. Mas pelo menos, pode ela ser, como sempre há sido, o refúgio dos que pretendem esquecer um passado e começar uma vida, em que o verbo amar é o próprio verbo de cada dia.

Ali, como talvez em poucas partes do mundo, abrilhantou Deus a vida se coroou de imortal glória, reservando para as velas de Álvares Cabral, a primazia de sua virgindade, que a posteridade fez mãe dum grande Nação.

Congresso que reza

Continuação da 1.ª página

Mas, em todo o caso, variando ou unificando os ritos mais diversos, uma coisa só se discutirá no Concílio: disciplina eclesiástica. O código da Igreja, como o de qualquer agremiação laica, pode ser alterado pela mesma Igreja ou pela mesma agremiação. Daquilo que Cristo revelou, é o Catolicismo a arca que guarda e não o vento que desbarata.

Tenhamos pois nós, católicos, esperança que o Congresso que reza algum bem nos trará. Se o Espírito Santo já nos não aparece sob a forma da pomba inocente, de nós se acerca ainda no bom conselho e no amparo amigo que sabe reconduzir a nossa vida ao equilíbrio perdido nas voltas do mundo.

Praza a Deus que, como no Concílio de Trento, no Vaticano II o nome de Portugal seja exalçado na cultura e santidade de algum dos nossos bispos, imitador daquele D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que soube ser humilde entre os pastorinhos da serra e grande entre os grandes da Igreja, pela simples razão de ter compreendido e praticado a verdadeira doutrina católica.

Catolicismo não é mais nem menos que o Cristianismo universalizado. Serviu-lhe a organização social latina e vazou as razões doutrinárias no fundo do pensamento helenista, mas a essência que transforma uma simples filosofia na religião da Verdade é a que concede à Alma um valor absoluto de acordo com a atitude total do indivíduo humano perante Deus, relacionando o temporal com o eterno e o dependente com o necessário.

Tribunal Judicial

Comarca de Tavira

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que na execução sumária pendente na Secretaria Judicial desta comarca em que é exequente Maria da Assunção Capelina e executados Luís José Cabeleira e mulher Ermelinda Rosa, ele marítimo e ela doméstica, residentes no Povo de Santa Luzia, desta comarca, foi resolvido aceitar propostas em carta fechada para a adjudicação do seguinte imóvel: Prédio urbano no Povo de Santa Luzia, freguesia de Santiago, deste concelho, na Rua Capitão Jorge Ribeiro, com o número cinquenta e nove de polícia, que consta de quatro divisões, a confrontar do norte com Francisco de Sousa, do sul com a rua, do nascente com José Menau e do poente com Joaquim José Mestre, inscrita na matriz sob o artigo oitocentos e cinquenta. São convidadas todas as pessoas com interesse na compra deste imóvel, para enviarem as suas propostas de montante superior a dez mil escudos, em carta fechada, ao Senhor Chefe da Secretaria Judicial desta comarca. No dia dois de Novembro, pelas onze horas, no Tribunal desta comarca, proceder-se-á à abertura das propostas que até esse momento tiverem sido apresentadas, a cujo acto podem os proponentes assistir.

Tavira, 11 de Outubro de 1962

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Escrivão de Direito

João Faustino Nunes Gonçalves

Ajudante/a Técnica

Admite a farmacia do Montepio em Faro.

Carta com referências e ordenado pretendido,

Uma boda no Monte-de-Trás

Continuação da 1.ª Página

No empar do barranco, a noiva e o seu séquito seguiram por uma banda, o noivo e a rapaziada torceram por outra. À venda, tornaram a juntar-se, houve recomposição de traje. A madrinha, solícita, compôs a mantilha branca da noiva, a cair aos lados sobre o vestido azul-céu. A irmã pequena tirou-lhe o pó dos sapatos de verniz preto, puxou-lhe a saia, não fosse parecer alguma pontinha da renda da anágua... A própria Zabelinha se espanejou, amarrôu melhor o cinto de fivela que já tinha assistido ao casamento da mãe dela.

O noivo também cuidou dos botões, esticaram-lhe a gravata, levantaram a madeixa traquina que a miude lhe descaía para a testa e lá foi o cortejo a caminho da igreja onde o bom Prior, velhinho e risonho, abençoou e casou os seus comovidos fregueses. Eles estavam graves, envergonhados da sua falta de presença de espírito, de não saberem como se deviam comportar na circunstância, de se verem num edificio tão espaçoso, diante das imagens sagradas, do passo que davam...

À volta da igreja, tornaram à venda, onde os burricos tinham ficado à mangedoira, ruminando um retrazo de palha e aveia.

Beberam uns copinhos, disseram graças para aligeirar o ar grave que a cerimónia tinha ocasionado e lá abalaram às cavaleiras, a subir outra vez a serra.

Apareciam no caminho as primeiras papoilas de esteva, de branco frisado, com grandes olhos de púrpura, os ramos da zorra incensavam o ar e as borboletas cheirafiscavam dum lado para outro.

Próximo do monte, o Sebastião Custódio, irmão da noiva, entrou a atirar foguetes. As comadres e primas mais prudentes desceram-se das bestas, arrematando o moço. Nada, que os burros às vezes assustam-se e o passeio da boda acaba em casa do *endireita!*

Ao Monte-de-Trás ficou a noiva com a sua comitiva. O noivo e o seu séquito seguiram para o Monte-daquela-Banda, onde residiam.

Chegados às respectivas moradias, cada um dos noivos se banquetearam como pôde, mais os seus apaniguados. Durante oito dias, como se continuassem solteiros e como se nem se derriçassem, comeram a cachola, a fressura, os queijos e fritos. A cada folga entravam os vizinhos e conhecidos, logo acadeiravam e se serviam. Quem ia a um lado, não ia a outro. Pareceria que se não tinha fartado bem numa das casas.

Ao fim de oito dias de comezainas, fartos de bródio, decidiram-se a completar as cerimónias da sua pragmática serrana.

Pela meia tarde veio um rapaz da vizinhança anunciar:

— Ti Valente, feche bem as portas, que no Monte-daquela-Banda está muita malta. Não tardam os assaltantes.

Ti Valente, que não é homem desprevenido, foi logo concentrar dentro da casa toda a matula de moços que conversavam à porta do forno.

Os belos olhos da Zabelinha, cheios de luz de si mes-

mos, turvaram-se, e foi um pânico em todos os semblantes.

Fecharam-se as portas e janelas, arrumaram-se malas e arcas, meia cómoda, o diabo. Tudo andou às fugidinhas, nervoso, apenas á claridade das frinças do telhado.

— É falso! — Nam vem tal ainda!

Um homem pôs no chão o ouvido à escuta:

— Enal que grande tropeçada! São os assaltantes! Vem perto. Escuta... Os assaltantes!

Silêncio. Ouvem-se passos. Tremem de dedo nos lábios ou sacudindo a mão em estalidos. Sente-se que rondam a casa. Depois... fortes pancadas à porta.

— Que é que quer? — pergunta Ti Valente com voz de poucos amores.

— Venho buscar o que é meu!

— Da banda de dentro, tudo o que aqui está me pertence! respondeu o dono da casa, encarrapitado num barril que está em cima da meia cómoda arrumada à porta trancada.

— Abra! — intimam de fora.

— Haverá de ser! — replicam de dentro.

Começaram empurrões às portas e às janelas, que não cedem. Cá dentro, risadinhas nervosas das raparigas, cochilando umas com as outras. Sente-se a fortaleza bem guardada. Os moços engordaram durante os oito dias de boda e estão como rochas.

De fora redobram empurrões, pedradas, fanfarronadas e pragas. Porque a pronúncia dos rr lhes tonifica as forças, há emissões de raios em todas as ondas.

Mas os raios das pedras atiradas aos raios das portas, pelos raios dos moços, nada conseguem.

Ouve-se restolhada no telhado. Ai, ai! Ti Valente fica fulo porque não quer que lhe bulam nas telhas e, se o fazem agastar, vai tudo por ares e ventos, que ele e a sua gente ainda têm força para aventar um bando de pardais sem rabo!

Oh! que ofensa! Pardais sem rabo, eles? Pois vão ver!

Realmente, enquanto um grupo entretinha a atenção dos sitiados, andando por cima das telhas, os outros, com grande estampido, meteram dentro a porta da cabana.

Foi então a verdadeira batalha nas trevas. Socos puxões, guinchos da guarnição feminina, cântaros partidos, confusão de tal ordem que chegam a bater-se os do mesmo partido. Depois...

— Cá está ela, Domingos, cá está ela! — e o noivo, esfarapado da luta, consegue enfim levar «o que é seu».

A bondosa Ti Mari Joaquina, mãe da noiva, tem um acidente. É preciso fazer-lhe um chá, chá de salva.

Abre-se a porta. Acende-se lume. Ti Valente dá balanço aos trastes e à casa. Examina os estragos e está zangadíssimo, mas orgulhoso, porque a bordoadá foi rija.

As visitas consolam Ti Mari Joaquina, acomodam a casa. E o irmão da noiva, loiro, com seu ar arcangélico, pega no caldeiro. Solta as rezes e vai dar de beber ao gado, com a paz de todos os dias, abocando a flauta de cana para se distrair no caminho da ribeira.

M. G.

ANUNCIO

José António dos Santos, administrador da falência de José Clementino de Sousa, faz saber que no dia 5 de Novembro e seguintes pelas 10 horas e à porta da Secretaria Judicial desta Comarca se procederá à arrematação em hasta pública, da existência do estabelecimento do falido que é constituída por roupas, artigos de retrozaria e grades para acomodação de peças de pano.

O Sindico

Alexandre José Cardoso Simão José

O Administrador

José António dos Santos

VALENTIM LOPES ALFAIATE

Diplomado pela Academia de Corte Maguidal, de Lisboa, com estágio em Paris. Casacos prontos a vestir, feitos por medida, 400\$00. Calças de Terylene a 200\$00. Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras. Praça da República, 13, 14, e 15 — Tavira

Vencedores e Vencidos

Continuação da 1.ª Página

cendo com assistentes à lide lustrosa que dentro em pouco iria premiar.

Mais atrás, ao largo, apinhava-se o povo, a mafra miúda, onde também cintilam diamantes.

O rei de armas, ostentando a sobrecota bordada e agalada, fez um pequeno sinal. A fanfarrinha rompeu os acordes dum marcha e, lentamente, solenemente, viu-se que se aproximava a Rainha com a sua Corte de Amor. S. M., toda de branco e prata, a fina aigrette ondulado na cabeça guarnecida de diamantes, ocupou o trono. As damas, em traje de corte, sentaram-se aos lados, um degrau abaixo.

Fez-se um curto silêncio. A assistente que estava em expectativa. O aroma capitoso das rosas, um perfume de seiva, de Eau de Lubin, de grand monde enchia o ar, intercalando-se nos compassos dos instrumentos sonoros. Cintilavam jóias na multidão das senhoras, tremulavam plumas e véus nos chapéus armados de tufo de «paradis», arfavam rendas e sedas caras; brilhavam comendas e crachás sobre as casacas negras, em peitos bambos da goma das camisas, esgalgavam-se pescocinhos com colarinhos de girafas, faiscavam monóculos, cofiavam-se bigodes fartos, do lado masculino.

Ao aceno do rei de armas, dois arautos, de dalmáticas bordadas a ouro, vibraram as trombetas de prata.

Tinha findado a lição — declarou o mesmo dignitário — não a justa de arma branca, como a dos cavaleiros das gestas, numa briga à espada preta, como emboscada de viela, sequer a fina lâmina do florete iria voltar em raio de sol naquele tablado, adrede erguido para glória mais alta. As armas terçadas tinham sido as da galanteria, do engenho e do talento. Cobia, na circunstância, galardoar os vencedores com as palmas e prémios que S. M., graciosamente, quisera ser a própria a entregar. Fez, depois, uma breve referência às tendências literárias do momento e enunciar as razões do Juiz do Campo.

Vagarosamente, conspicuamente, tomou, de certa pasta, a folha branca e, no meio da ansiedade geral, leu o nome dos premiados. Estrondosamente, reboou uma trovada de palmas quentes, demoradas, em ondas repetidas. Quando foi possível silenciar a assistência, fez-se a chamada do primeiro classificado.

Dentre os circunstantes, levantou-se então um moço que, pálido mas sereno, avançou até à tribuna e, comovido, leu o seu trabalho repassado de candura própria da mocidade, transsumando alegria de viver, amor e esperança. As rimas sucediam-se naturais, cadenciadas e ricas, as metáforas acudiam a propósito, o discurso, do mais puro lirismo.

Ao terminar, potente salva de palmas se derramou de novo.

O mestre de campo encaminhou-o até ao estrado onde a soberana o convidou a aproximar-se para lhe oferecer o prémio: a rosa vermelha com que lhe floriu a lapela.

Da face do poeta deslizou o que podia ser lágrima ou baga de suor e a flor bebeu uma gota de orvalho. Sempre ao vibrar de repetidas palmas, beijou a mão de S. M. e, depois de descer, perdeu-se na multidão escura dos trajes de cerimónia.

Com idêntico aparato, mais três poetas receberam três flores naturais: o cravo, a gardênia, o jasmim.

De novo os arautos fizeram ouvir as trombetas. O rei de armas subiu à tribuna e de-

ARTESANATO

Continuação da 1.ª Página

A arte do cesteiro é lucrativa e de todas as indústrias caseiras talvez a mais florescente. Pena é que as formas «clássicas» se não tenha acrescentado variantes de gosto.

Misturada ao vime, a cana produz canastras muito resistentes e leves, fartamente usadas nas lides campesinas.

* * *

O junco e o vime, embora apresentem objectos mais caros, são estes muito apreciados como utilidades domésticas: cadeiras, mesas, caixas, cestas das mais variadas, etc., aparecem nos mercados como produtos de artesanato algarvio e apesar de não ter grande desenvolvimento, pela concorrência que lhe fazem artigos de preço inferior, alguns se fabricam na nossa cidade que não deixam de ser curiosos.

Os trabalhos de esparto, tão usados há umas dezenas de anos raros se vêm presentemente. Não haverá matéria prima, artífices interessados, ou compradores?

* * *

A palma. A palma dos valados e cerros é indústria feminina, onde a mulher do pescador entretém os seus dedos, tanto como a serrana dos montes mais ásperos. Com ela se faz a empreita, trança de palmas mais ou menos larga. A esteira para o chão, o ceirão do trigo, a alfofa da farinha, a ceira do figo, o abano do lume, o chapéu que resguarda da soalheira, os antolhos da vaca que gira à volta da nora, a golpilha onde se leva as hortaliças ao mercado, o atafal onde se descansa as cangalhas em que o burrinho transporta as quartas de água que se vão buscar ao poço, tudo é feito com empreita cozida a tamiça, ou seja, um resistente cordão de palma torcida.

Não tradição no nosso concelho a palma colorida. Raramente aparece na esteira, e a que se vê é de exportação de Loulé, quase sempre,

Apesar de não ser colorida, a empreita de Tavira é das mais resistentes, porque empregam nela palma dobrada e triplicada, até.

Além das esteiras, os pinéis, vassouras e vasculhos, não se pode dizer que não tenham venda ou são mal remunerados.

CASA

Vende-se, na Rua da Liberdade, com os n.ºs 52 a 54.

Recebe propostas o solicitador José Luís Cesário.

clarou terminada a cerimónia.

Tocou a fanfarrinha enquanto a Rainha, logo rodeada pelo séquito, vagarosamente e arrastando a cauda de arminho no veludo carmezim da passadeira ladeada de keutias e azáleas, se encaminhou para a saída.

Morriam os acordes finais da música, começavam a murchar as viçosas grinaldas e, enquanto a tarde afogava em cinza parda o esplendor do seu rosicler, a multidão dispersava.

Que foi feito deles, dos poetas laureados?

Perdidos na onda anónima, enterrados na vida, as esperanças tão acarinhadas não se consubstanciaram em realidades.

Dos que alinharam no vanguarda das letras, talvez alguns tivessem assistido aos jogos, desanimados de si e da sua vocação. Então e sempre, a confiança em si mesmo nunca foi alicerce donde se elevasse o talento e o valor, quer individual, quer colectivo.

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Carmelinda Peres Figueiredo e D. Maria de Lurdes Neto Gago.

Em 22 — D. Maria Julieta Baptista Cruz, D. Maria Eduarda Cabrinha Santos, D. Carlota Martins Algarvio Cabrita e Mlle Maria Feliciano Pacheco.

Em 23 — D. Maria de Lurdes Baptista Regato, D. Maria João Gaspar Bacalhau, D. Maria Julieta Tavares e os srs. José Amândio Pereira e Celestino Pereira Amaro Junior.

Em 24 — D. Maria Amélia Ramos, menina Isabel Maria Pires de Sousa e os srs. Aurélio Aníbal Bernardo, José Augusto da Conceição Martins, António Horta e Mário Fernando Peres Calço.

Em 25 — Sra. Júlio Cordeiro Peres, Manuel de Sousa e Mário do Nascimento Jara.

Em 26 — D. Maria Amélia Casado Carvalho, D. Ermelinda do Carmo Zacarias e os srs. Virgílio Evaristo Cavaco e António Joaquim Evaristo Luis.

Em 27 — D. Maria Helena de Amorim Ribeiro Albery, menina Ana Luisa Sofia Miguel Mendonça, Mlle Celina Maria Santana Cordeiro e os srs. Reverendo Prior António do Nascimento Patrício, João dos Santos Conceição e Victor Camões Castanho Soares.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa encontra-se na sua casa de Monte Gordo, onde veio passar uns dias de férias, o nosso prezado amigo e confratâneo sr. Coronel Dr. Vasco Martins.

Com um sua esposa foi dar um passeio pela Europa, o nosso prezado amigo sr. Tenente Francisco Solésio Padinha, presidente da Comissão Municipal de Assistência.

A fim de poder apresentar os últimos modelos de penteados e cortes, foi a Lisboa a sr.ª D. Maria Justina da Conceição Cavaco, hábil cabeleireira, nesta cidade.

Agradecimento

A família de José Sebastião, não podendo fazê-lo pessoalmente, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo, à sua última morada e a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Empregado

Precisa a firma Autociclo, Lda., para distribuição de gaz.

Arrenda-se

Pomar de laranjeiras no sítio de Sinagoga.

Tratar com Luís Arrais, Rua D. Paio Peres Correia, 12 — Tavira.

Caminhos de Ferro

Horário dos combolos
Linhas do Sul e do Sado

Comunica-nos a C. P. que para assegurar o transporte de passageiros será mantida a circulação diária até 31 de Outubro de 1962 dos seguintes combolos e automotoras:

Automotoras N.ºs 8322/8125 — Entre Évora e Funcheira.

Comboio N.º 9011 — Entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação para Lagos, dando também ligação para Sevilha.

Automotoras N.ºs 8126/8339 — Entre Funcheira e Évora.

Comboio N.º 9012 — Entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Barreiro, com ligação de Lagos e Sines, recebendo também ligação de Sevilha.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º

Mário Guerra Roque

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças das Crianças

Consultas diárias às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 21 — FARO

Telefone 413

Livros e Revistas

Para Ti — Satu o n.º 123, referente a Outubro, desta revista de bordados e crochets de maior expansão de Portugal e que tanto interessa a todas as senhoras.

Clência e Técnica Fiscal — Recebemos os volumes n.ºs 40 e 41 série-A, do Boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos referentes a Abril e Maio do corrente ano, que são um útil repositório de estudos, bibliografias e documentação, jurisprudência anotada, evoluções administrativas, pareceres da Procuradoria-Geral da República, informações fiscais, etc, etc, tão úteis aos contribuintes e a quantos trabalham no foro.

Jornal Feminino — Publicou-se o n.º 118, referente a Outubro, desta atraente revista feminina que se edita na capital do Norte.

É excelente o seu sumário de actualidades, cinema, vida mundana e uma magnífica colecção de modelos da moda.

História dos Descobrimientos — Publicou-se o fascículo n.º 21, desta obra histórica, da autoria de Duarte Leite, (colectânea de esparços), organização, notas e estudo final do professor V. Magalhães Godinho.

É uma publicação a todos os títulos notável porquanto ela analisa em pormenor alguns factos que se prendem com a epopéia nacional, uma das épocas mais gloriosas e florescentes da nossa história.

Federação Nacional dos Produtores de Trigo — Recebemos o relatório e contas da gerência de 1961 da Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Por ele se vê claramente os benefícios que a agricultura nacional tem recebido deste importante e útil organismo que muito tem contribuído para o melhoramento da cultura cerealífera entre nós.

No nosso concelho figuram no quadro de honra os produtores de trigo os senhores: José Rosa, Domingos Sancho de Sousa Uva, João Higinio Gonçalves de Campos, João Pedro Maldonado, Filipe de Jesus Drago e Manuel João Guerreiro.

Autores — Recebemos este excelente Boletim da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, referente ao trimestre do Verão.

Excelentes artigos, alguns deles ilustrados com magníficas fotografias, tais como: Recordando Matos Sequeira, O Direito de Autor, Dois notáveis pareceres do Prof. Dr. Adelino Palma Carlos, Língua, por Aquilino Ribeiro, Homens célebres e o charuto, por Leitão de Barros, O Amor de Perdição no Teatro e no Cinema e Camilo e o Porto, vistos por Júlio Dantas, Recordações de Nascimento Fernandes, etc, etc, constituem o seu belo sumário.

Dicionário de História de Portugal (Ilustrado) — O XI fascículo do «Dicionário de História de Portugal» (Ilustrado), agora distribuído, veio confirmar a opinião já muito vulgarizada de que se trata dum dos mais valiosos empreendimentos culturais dos últimos anos no nosso país. O que, até há pouco tempo, parecia um sonho irrealizável, é hoje uma realidade admirável, graças aos esforços dum grupo sensacional de investigadores e professores da História de Portugal e de várias nacionalidades sob a direcção do professor, historiador e ensaísta Dr. Joel Serrão que, em boa hora foi encarregado desta empresa, cujo interesse intelectual nos parece desnecessário acentuar.

Entre artigos publicados no XI



Santo Estêvão

Jantar de confraternização — No passado dia 14 do corrente realizou-se em Sinagoga, na confortável residência de campo do nosso amigo sr. Emídio Sotero, um jantar de confraternização ao qual assistiram os srs. Comandante da Guarda Fiscal da Secção de Tavira, Tenente Serrano, o regedor da freguesia de Santo Estêvão, e outras individualidades que para o efeito haviam sido convidadas.

Aos brindes usou em primeiro lugar da palavra o sr. Tenente Serrano, que enalteceu o ambiente de grande camaradagem que o rodeava e a beleza reconfortante de tão aprazível lugar designado para esse magnífico jantar, terminando depois com os melhores votos pelas felicidades de todos os presentes e familiares. Em seguida o sr. José Emídio Sotero, num brilhante improviso, congratulou-se com a presença em sua casa de tão distintos amigos salientando também o notável trabalho do sr. Tenente Serrano em prol das festas da Mesericórdia de Tavira.

Festa Religiosa — Desejando também oferecer aos nossos prezados leitores uma nota elucidativa acerca do apuramento do saldo positivo proveniente da festa religiosa do passado dia 30 de Setembro, a que já largamente nos referimos, podemos informar que as despesas efectuadas incluindo a caiação da Igreja paroquial foram de 5030\$50 e a receita de 6031\$90 resultando-se portanto um saldo de 1001\$40, cuja importância se encontra em poder da comissão organizadora.

Por lapso, no número de 7 do corrente do nosso jornal, omitimos os nomes dos srs. José da Conceição Lopes e Joaquim Pedro Flor da Rosa, membros da Comissão das Festas, pelo que pedimos desculpa. — C.

Santa Catarina

Desastre mortal — Vítima dum lamentável desastre, faleceu há dias nesta aldeia, o menor Luis Manuel de Brito Gago que, ocultando-se na retaguarda do carro a que seu pai ia engatar uma muar, esta espantou-se e o rodado passou sobre a infeliz criança. Ainda tentaram prestar-lhe todos os socorros necessários, procurando conduzi-lo numa ambulância para Lisboa mas o seu estado não permitia, tendo sido obrigados a desistir da intenção.

O menino que contava apenas 19 meses, era filho do sr. Manuel Joaquim Pires Gago e da sr.ª D. Maria José de Jesus de Brito Gago e neto do sr. Luis de dos Mártires de Brito, nosso prezado assinante, residente no sítio das Hortas.

A triste ocorrência pode dizer-se que consternou toda a população da freguesia, que no dia seguinte acompanhou ao cemitério o funeral do desditoso Luis Manuel. — C.

fascículo, profusamente ilustrado, destacamos os seguintes:

Cardeal, Padre Sousa Costa; Carlos V, Dr. Veríssimo Serrão; Carta Constitucional, Dr. Mário Soares; Cartagineses no Ocidente da Península, Prof. Maluques de Motes; Cartismo, Dr. Martins de Carvalho; Cartografia e cartógrafos portugueses, Com. Teixeira da Mota; Carvão de pedra, Dr. Armando Castro; Casa — Grande, Prof. Gonçalves de Melo; Casas, Dr. Ernesto Veiga de Oliveira; Castela, Relações de Portugal, Dr.ª Aurea Janierre; Castelo, Cap. Gastão de Melo de Matos.

O Dicionário de História de Portugal (Ilustrado) é editado por Iniciativas Editoriais, Avenida Rio de Janeiro, 6 s/c Esq. — Lisboa — Tel. 724051.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de
farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13



Retalhos desta Lisboa!

por **Liberto Conceição**

Mocidade... Tema Eterno! Há, nesta Lisboa do Século XX, cidade de mármore e granito que parece não querer ficar atrás das principais capitais do Mundo, na garridice e na vaidade das mulheres bonitas que são a moldura airosa com que dá brilho, vida e cor, às suas ruas e avenidas, aos seus teatros e cinemas, às suas esplanadas e «boites»... um aspecto feminino que nos prende muitas vezes a atenção. É a coragem indómita com que as mulheres procuram resistir ao «tempo», servindo-se de todos os recursos das grandes academias de beleza, salões de estética e outros locais de «rejuvenescimento», para conseguirem sobreviver a uma pseudo «eterna» mocidade... que há muito já morreu. Todos os métodos servem. Todos os sacrifícios são feitos para assegurar uma aparência juvenil, que, mais cedo ou mais tarde, não poderá mascarar-se!... É que os anos não perdoam!!!



O sentido de observação de que nos servimos no desejo de assegurar aos nossos leitores a continuidade dos «Retalhos Desta Lisboa», leva-nos, por vezes, a indiscretos, prestando atenção a uma ou outra conversa que, «forçosamente» temos que escutar, enquanto saboreamos a já tradicional chávena de café, nesse local privilegiado da baixa, que é a «Suíça» no coração de Lisboa. Ainda há dias, duas Senhoras, mocidades já distantes, em cujo olhar perpassavam reminiscências do passado, sombras de um amor longínquo que o Tempo se havia encarregado de ir esfumando como nuvens brancas levadas pela brisa duma manhã de Dezembro, — diziam, — contemplando três jovens que estavam próximo, figuras gentis na irrequiétude duma mocidade em plena punjança da Vida: — Como estas raparigas de hoje, modernas, dinâmicas, esbanjam às mãos cheias uma juventude que sentem pressa em ver desaparecer rapidamente... Como se a frescura da mocidade não fosse o bem mais precioso que as mulheres deviam acautelar e retardar na marcha inexorável do Tempo que não perdoa.

Mal se avizinham os 15 anos, já as raparigas de agora sentem pressa em rapidamente parecerem mulheres. Anseiam por uma emancipação total que vai desde o salto alto ao cigarro fumado em atitude cinéfila... desde o aspecto existencialista, à frequência assídua das esplanadas e «boites»!...

— Vê tu como é a Vida. Enquanto as pequenas aí do lado fazem luxo em dar-se ares de mulheres já feitas, mascarando, com as suas toillettes, os seus penteados, os seus gestos livres e os seus cigarros atrevidos, os verdes anos duma mocidade agora em plena floração, procuramos nós continuar agarradas a uma quimera que não volta mais!... Uma mocidade que há muito já lá vai no ocaso da Vida!!!

— Elas, querendo parecer mulheres rapidamente, numa ânsia insatisfeita de alcançar «algo» que na maioria dos casos, é o desmoronar dum Castelo de Ilusões.

— Nós, agarradas ao sonho de esconder uma velhice que se aproxima a passos agigantados, consumindo horas na modista, no cabeleireiro, nas academias de beleza, na vã ilusão de «segurar» uma juventude que a pouco e pouco se vai escuando, através do tempo, como areia fina por entre os dedos de crianças brincando na Praia!...

... O diálogo foi aqui interrompido. Um criado que se chama... uma conta que se paga... e duas mulheres, ainda bonitas apesar dos anos que deviam figurar nos seus cartões de identidade, — que se perdem no turbilhão desta Lisboa!...

Enquanto as vemos desaparecer ao longe, tragados pela multidão, ficamos a contem-

ALGARVE Despertivo FUTEBOL

No passado domingo os algarvios terminaram a sua tarefa para a disputa da Taça de Portugal.

A Emissora Nacional fez o relato dos dois jogos, Atlético-Portimonense e Belenenses-Olhansense. Foram dois jogos sem história em que o Portimonense, depois de ter ganho em Portimão por 2-0, acabou por perder por 4-0 e o Olhansense, que levava no seu livro de lembranças um empate a zero bolas, sofreu 4-1.

Hoje, inicia-se o Campeonato Nacional e o Algarve entrará nas seguintes competições:

I DIVISÃO:

Académica — Olhansense

II DIVISÃO:

Portimonense — Sacavenense
Farense — Cova da Piedade
Torreense — Silves
Luso — Lusitano

Neste momento, em que se inicia a competição máxima do futebol português, desejamos aos algarvios boa sorte.

plar as três «meninas-mulheres», consumindo mais um cigarro de boa marca estrangeira, acesso em moderno isqueiro de gás... enquanto, umas vezes por outras, passavam junto a nós, mulheres de Todas as idades (desde os 40 aos 70...), procurando, com o auxílio dos recursos da arte feminina e dos cosméticos, esconder aquilo que o tempo já mais perdoa: A frescura da mocidade que a juventude de hoje desperdiça às mãos cheias!...

É assim a Vida!...

A Morte Espreita! Dia após dia, a maré alta de desastres de viação que se vem verificando no nosso País, alastra numa onda de morte e tragédia, que entristece e apavora todos aqueles que se debruçam sobre tão grave problema.

Dir-se-ia que o respeito pela vida alheia é hoje folha morta na agitação febril de uma existência em que todos desejam chegar depressa, como se o tempo fosse a única mola real da era em que vivemos.

No dia a dia da nossa vida, nesta Lisboa em que se corre numa aceleração constante que não sabemos onde terminará, há muito arrumamos a nossa Lambreta ao canto de uma garagem, quando nos convençemos que conduzir na capital, era uma autêntica lotaria em que o prémio mais certo se resumia, — como nos aconteceu — a uma visita forçada a esse local que conflagra e entristece o coração mais duro:

A sala de Observações do Hospital de S. José. É raro o dia em que os jor-

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Crónica de Domingo

Domingo, 14 de Outubro de 1962

Apesar de não ter feito qualquer promessa para manter esta crónica mas como novamente falhou o futebol, acabado o almoço, dediquei-me a tomar alguns apontamentos neste domingo de Outubro, após uma semana de chuva e de ventos ciclónicos que sopraram em alguns pontos do concelho.

A chuva lavou a cidade e, por milagre, as moscas desapareceram, pois são raras as que se vêem nos seus bailados excêntricos.

Também se registaram esta tarde alguns naufragos que sosobram nestas marés vivas de Outubro — as ratazanas, habitantes dos canos das imediações do Gilão.

Sem moscas e sem ratos, a cidade iluminada por este sol de Outubro, mostra-se tranquila e alegre.

Não há concerto musical e por isso, para quebrar a monotonia da tarde, abelramos-nos de um receptor de T.S.F. para ouvir os relatos dos jogos dos grupos algarvios que jogam em Lisboa, Olhansense e Portimonense, muito embora tivéssemos ficado entusiasmados com os relatos de futebol acerca das proezas do Pelé.

Ao meu lado, numa conversa insípida, fala-se de abelhas e da qualidade de mel produzido com as flores das alfarrobeiras.

O rádio dá-nos más novas. Como de costume, os grupos algarvios estão ambos a perder por 1-0. Deslizo, não quero descontrolar mais os nervos.

O que fôr há-de soar lá para a volta da noite, quando aparecerem os resultados nos «placards» do Totobola.

Também nestas competições do Totobola nunca acertei em mais de metade dos resultados, prova evidente de que sou um péssimo jogador, o que aliás tenho comprovado em todos os jogos, por contar de antemão com essa adversária terrível que se chama sorte.

Como estão vendo, pela desataviada descrição que tento fazer, trata-se de um domingo sem história, como tantos outros que surgem no calendário, passado em terras provincianas.

Mais um domingo sem futebol, pois cá na terra que também podia ter um grupo de futebol inscrito, pelo menos, na 3.ª divisão, não tem por falta de iniciativa e engenho.

Embora se tenham encetado várias demarches e feito muitas promessas, a coisa não passa da cepa torta porque isto de campos de jogos é assim mesmo: quem o tem, chama-lhe seu.

Muito embora se proclame aos quatro ventos a necessidade do desenvolvimento da raça, a coisa continua por cá à mercê da sorte ou quem sabe se de qualquer inovação do Totobola.

O maná foi coisa que nunca se viu cair no Campo da Atalaia e assim, a inscrição do grupo tavricense no campeonato, nem mesmo numa manhã de nevoeiro será possível.

E com tantos amigos da onça, quero dizer, do desporto que há para aí, até faz pena ver estilar uma ideia em marcha — e quem sabe? — talvez surgisse para aí qualquer Pelé em embrião, capaz de pôr em sentido uma equipa de campeões...

Gilão

nais não acrescentam mais alguns mortos e estropeados a esse rol imenso que fez de Portugal um dos primeiros — senão o primeiro País do Mundo — em desastres de viação.

Que triste glória. Que pobre palmárés alcançado no conceito internacional, que fez das estradas do nosso lindo Portugal, um cemitério de vidas ceifadas em nome do progresso, da loucura e da velocidade...

Para onde caminhamos? Quando haverá diminuição de morte e tragédia nas nossas estradas? Porque não se tomam medidas energéticas e eficazes capazes de reduzir a onda negra que enche de luto a nossa terra?

Por Deus acabem com as loucuras das velocidades senhores motoristas! A Vida não é apenas o dia de hoje. A Vida continua... E nós, peões saibamos também respeitar as regras de trânsito... para que os outros as respeitem.

Assinal o «Povo Algarvio»

Circuito de Alenquer

Até que enfim... Ginásio!...



Desta vez, mereceu a penal Mereceu a pena ir a Alenquer ver a Equipa do Ginásio, pela primeira vez, num Circuito, mostrar o seu real valor, no confronto com a maioria dos consagrados do Ciclismo Nacional. Já desesperávamos de que algum dia nos fosse permitida a alegria de ver os «moços» do Ginásio quebrarem o «enguço» (1) que há longos anos os vinha acompanhando nas andanças dos Circuitos, a maior parte das vezes mais por «estranhas» razões, a que nem sempre foram estranhas as injustiças flagrantes que prejudicam os «pequenos» em benefício dos «grandes»... do que propriamente a falta de valor dos ciclistas tavrenses!...

Podemos fazer estas afirmações com inteira segurança porque, ao longo das nossas peregrinações com a equipa do Ginásio por esse País fora, nos tem sido dado observar muitas «circunstâncias» que corroboram o que aqui deixamos dito.

E fazêmo-lo, exactamente hoje, para afirmar aos tavrineses — melhor dizendo, aos Algarvios —, que se os seus representantes nem sempre conseguiram o êxito retumbante que obtiveram no Circuito de Alenquer, não foi, na maioria dos casos, por falta de brio dos nossos rapazes!

Oxalá aos ciclistas do Ginásio tenha servido a «lição» de Alenquer!... Eles puderam verificar no passado domingo, aquilo que para nós há muito é uma certeza: De que têm tanto valor como a maioria dos corredores que normalmente ornamentam em grossos caracteres, as colunas dos grandes Jornais.

Eles só precisam lutar com o mesmo entusiasmo, com a mesma garra, com a mesma fé, e, sobretudo, com o mesmo espírito de equipa que revelaram no último circuito, em Alenquer! Não interessam nomes... não interessam herois aos quais os demais ciclistas se escravizam, porque o que está em causa é o nome do Ginásio, o nome de Tavira.

Bem haja, portanto, a alegria que esses seis «diabos» deram a essa escassa dúzia de Tavirenses que no domingo passado, seguiram com o coração num frangalho, a sua luta contra todos.

Sim! Mereceu a pena ter ido a Alenquer. Já não era sem tempo... Ficamos todos compensados, — nós principalmente — pelo sacrifício de uma deslocação a essa lindíssima Vila alcandorada no alto de uma penedia, que mais faz lembrar poiso de águias altas neiras. O nosso «prémio» foi aquele mixto de orgulho e comoção com que vimos terminar a corrida. Para nós foi mesmo a melhor prenda de anos que nos veio de Tavira ao comemorarmos o meio Século... que já lá vai! Obrigada, portanto, rapaziada do meu Ginásio. Mas não fiquem por aqui.

Como decorreu a Prova? Ela foi a demonstração do valor actual dos ciclistas do Tavira, e, principalmente, do seu espírito de equipa a revelar uma profunda amizade e camaradagem entre todos. Deu a partida o conhecido jornalista de A Bola, Victor Santos, natural de Alenquer. Mal souo o tiro logo Octávio Trinta foi «atropelado», cain-

do e perdendo tempo a endireitar a sua bicicleta, enquanto o pelotão «disparava» como um bólido, através das estreitas e perigosas ruas do percurso.

As primeiras voltas mostraram logo que a «nossa gente» estava em dia sim e queria dar o ar da sua graça. O primeiro a «barafustar» foi o Pontalino. Aquilo aqueceu... Mas na brecha viam-se sempre as camisoladas alvi-negras do Ginásio.

Mal eram derorridas cerca de 10 voltas, Indalécio arrancou fulgurante levando apenas na sua roda, «empoleirado» às suas costas, uma águia do Benfita. Sempre puxando a distância ao pelotão foi progressivamente aumentando até que o Trinta, persentindo o êxito da fuga do seu companheiro, afrouxou a pedalada para, em vez de tentar alcançar o pelotão, esperar pelo companheiro. Assim que tal aconteceu viu-se uma «locomotiva diesel» a puxar irresistivelmente pelo «tender» que vinha atrás. Indalécio e o Benfiquista.

A corrida aumentou de interesse principalmente quando o Benfita destacou uma das suas unidades para cooperar com o companheiro em fuga. Mas logo Florival, compreendendo o adversário, passou a ser mais uma unidade nossa na frente. Daí para diante com os homens do Ginásio sempre a puxar, o tempo que separava os homens da frente, — onde apenas Indalécio e Acúrsio contavam para o 1.º lugar — foi aumentando até se cifrar em mais de um minuto.

Cá atrás o Sporting e o Alpiarça tudo faziam para levar o pelotão à recuperação, mas os irmãos Corvos e o pequeno Pontalino lá estavam para lhes quebrar qualquer ilusão de fuga.

Por alturas da 55.ª volta, Octávio Trinta arrancou em força levando atrás de si Indalécio, enquanto Florival fazia guarda aos dois Benfiquistas que ficaram «pregados». Perante a quebra dos homens do Benfita — que vieram a ser absorvidos pelo pelotão — Florival embalou por sua vez, para, com o companheiro amparar o grande herói deste circuito, que já estava a acusar o esforço dispendido.

Foi um final de prova emocionante. Na arrancada final do pelotão para a disputa dos primeiros lugares, não fomos totalmente felizes. Humberto só por milagre não caiu na difícil curva que antecedia a meta e o Jorge chegou com a roda da frente desapertada. Senão fora estes percalços a coisa podia ter sido muito falada.

Ao fim e ao cabo, 5 lindíssimas taças e 12 dos 15 prémios de passagem. Além disto: 1.º lugar por equipas, 1.º, 4.º, 5.º e 12.º na classificação individual, vencedores da volta mais rápida e do maior número de voltas.

Que mais esperavam os nossos leitores dos moços do Ginásio neste final de época? Sim! Esperamos que hoje, no Circuito de Monsanto e nas provas da F. P. C. que se seguem, lutem com o mesmo entusiasmo, que lutaram há oito dias! E que vençam «destacados»... não vá haver alguma dúvida!...

Liberto Conceição

CASA

Vende-se, no Terreiro do Garção, 2 — Tavira.

Tratar com Suzete Nól Viagas, Rua do Salitre, 126, r/c — Lisboa.